

Mesa-redonda

O ‘Plano Colômbia’ e a soberania das nações limítrofes

Ailton Benedito – Caros amigos, coube a mim dar por iniciada esta mesa-redonda. Em nome de *Comunicação & política* e da direção do CEBELA, agradeço a presença de todos. O objetivo deste encontro é refletir sobre a situação na Colômbia e seus prováveis desdobramentos no continente sul-americano. Desejamos produzir textos que possam ajudar a comunidade latino-americana a observar, julgar e tomar posição com relação aos eventos em curso no norte do Continente. Participam deste debate: o editor de *C&P*, Prof. Roberto Amaral, que tem a seu lado nossos convidados, a começar pelo Embaixador Ovídio de Andrade Melo; ladeado por Santiago Villaveces Izquierdo, que é economista colombiano com doutorado em antropologia. Completando nossa mesa, os Professores Antonio Carlos Peixoto e Gustavo Goffredo Sénéchal. Em seqüência, Anália de Pinho, vice-presidente do CEBELA e Rodrigo Medeiros, colaborador de *C&P*. Feita a apresentação, iniciemos os trabalhos.

Emb. Ovídio Melo – Meu conhecimento sobre a Colômbia é modesto. Estive em Bogotá de passagem por três vezes, mas sempre acompanhei os aconte-

cimentos de longe e sem a agudeza que atualmente se faz necessária devido à intervenção norte-americana. Minha impressão é que estou revivendo os tempos do Vietnã. Na época servi em Bangcoc e antes em Washington, onde pude acompanhar a intromissão norte-americana no Vietnã, no Laos e no Cambodja. Cheguei em Bangcoc em 1976 e na época o Cambodja era o problema. Quero chegar ao seguinte ponto: guerra se pega como gripe, isto é, por contato. Eu temo que o que está ocorrendo na Colômbia se complique como ocorreu no Vietnã. Ocorrendo isto, seremos de alguma forma afetados. Iremos ser afetados por ondas de refugiados burgueses. A grande massa de pobres não terá condições de chegar ao Brasil.

Quanto ao narcotráfico, é necessário desmistificar a versão de que os narcotraficantes irão invadir a Amazônia. A distância entre a região do conflito na Colômbia e a Amazônia brasileira é imensa. O conflito, isto é, as guerrilhas, estão concentradas na no sul da Colômbia, fronteira com o Equador.

Roberto Amaral – E ainda existem mais de 2.000km de selva até chegar a alguma cidade da Amazônia brasileira.

O. Melo – Os efeitos serão imediatamente sentidos por nós, mas o problema é o prolongamento dos conflitos. A Colômbia tem uma trifurcação nas Cordilheiras dos Andes. Entre as Cordilheiras que vêm do Equador há vários locais onde é fabricada a cocaína. Ela não é produzida na selva amazônica, ela é produzida nos vales de Cali, Mendellin e Calca. Nestes locais é que serão travadas as lutas.

A intervenção norte-americana, ao meu ver, já existe há muito tempo na Colômbia, assim como existe a intervenção inglesa e israelense. Estes países já se envolveram ao ajudar os grupos paramilitares colombianos. A intervenção norte-americana é a oficialização, ou seja, o que está acontecendo atualmente é a oficialização do que antes já havia. O fato de a Colômbia aceitar extraditar os seus nacionais, ainda que criminosos (narcotraficantes) para os EUA, é uma abdicação de jurisdição e soberania. A questão de os norte-americanos já terem enviado 500 conselheiros militares – o mesmo número inicialmente colocado no Vietnã – não é novidade. O contingente pode na realidade ser superior a este número. Ao longo de três anos de presença norte-americana no Vietnã, o número de conselheiros militares atingiu a cifra de 25.000 homens no tempo do Kennedy. Cheguei a escrever um artigo para o *Correio da Cidadanião* qual eu destacava o balanço entre o número de armas capturadas do inimigo e o das que são perdidas para ele. Eu me inspirei em um artigo da *Newsweek* que mostrava a relação entre a captura de armas dos guerrilheiros vietnamitas e o

que eles conseguiam roubar das tropas norte-americanas. O importante, em uma guerra, não é o número de armas que se captura do inimigo, mas o balanço entre captura e perda. Esta comprovação da *Newsweek* não teve contestação do Pentágono. O volume de ajuda destinada a armas contribuirá para armar os guerrilheiros colombianos. Se o volume de armas aumentar drasticamente na Colômbia, os guerrilheiros estarão mais bem armados. Eu vi este fato em Angola, onde até as crianças se armavam com canos de chumbo e projéteis roubados dos soldados portugueses. A oficialização da intervenção norte-americana não irá resolver o problema colombiano.

R. Amaral – Suponho que já se pode compreender de que maneira o que está ocorrendo na Colômbia interfere na geopolítica da América do Sul...

O. Melo – Aproveito para citar uma velha profecia de Che Guevara: “Os Andes serão a Sierra Maestra da América Latina”. Com a intervenção norte-americana na Colômbia, esta profecia começa a se realizar. Os conflitos não são novos, eles acontecem desde os tempos de Bolívar e Santander. Atualmente a situação é crítica no Equador, no Peru, na Bolívia e no Chile. O barril de pólvora está armado!

Santiago V. Izquierdo – Na condição de colombiano, gostaria de falar sobre as iniciativas de busca pela paz. Entretanto, gostaria de falar um pouco sobre as brechas que existem entre o Estado colombiano e os diversos segmentos da sociedade. O Estado tem uma dificul-

dade histórica de dialogar com os diferentes segmentos da sociedade colombiana, fato que dificulta a integração nacional. O ‘Plano Colômbia’ é uma consequência desta debilidade do Estado. Não vejo outra maneira de explicar o surgimento de guerrilheiros e narcotraficantes.

Ailton Benedito – Esta falta de diálogo entre governo e sociedade é uma característica da maioria dos países latino-americanos.

Santiago – A Colômbia é o exemplo radical.

A. Benedito – Ivan Illich chama as nações latino-americanas de metástases do colonialismo. Esta metáfora tem sua força.

Santiago – O processo de negociação entre o Estado colombiano e as guerrilhas deve ser relacionado à história do país. A elite que governa a Colômbia é quem decide os rumos do país. Uma nação não é constituída apenas por governantes. O ‘Plano Colômbia’ não passou por nenhum tipo de debate com a sociedade civil, ele foi confeccionado nos palácios do governo colombiano e no Congresso norte-americano.

O. Melo – Como o Congresso colombiano vê isto?

Santiago – Alguns poucos congressistas tinham uma posição muito crítica, mas eram muito poucos. O que eu gostaria de registrar aqui é como a sociedade civil está reagindo ao ‘Plano Colômbia’. A sociedade civil tem buscado aumentar a sua participação ativa na vida política colombiana. Até a Igreja Católica se desatou de sua postura de neutralidade. O

‘Plano Colômbia’ é um plano militarista de combate ao narcotráfico. As áreas de conflito estão localizadas na região sul do país, fronteira com o Equador. A região principal do conflito é a de Putmayo, que além da cocaína apresenta, ainda, um grande potencial petrolífero. O objetivo claro do ‘Plano Colômbia’ é empurrar o conflito para o sul da Colômbia. O consumo de petróleo no mundo cresceu 15% entre 1990-98. A produção de petróleo na Colômbia cresceu 78% no mesmo período. A política externa norte-americana tem a vontade de passar a depender menos do Oriente Médio, pois o local é marcado pela instabilidade. Logo, a Venezuela e a Colômbia são dois pontos estratégicos de produção de petróleo. Putmayo é uma região onde a Shell e a Occidental Petroleum investiram pesado. Nos últimos dez anos, as instalações petrolíferas dessas duas empresas foram alvos de ataques de guerrilheiros. As empresas de petróleo pressionaram para que houvesse o Plano Colômbia.

A. Benedito – E o Estado nacional, a área rica em petróleo está sob o seu controle, isto é, nos 20% que lhe cabem?

Santiago – Sim.



Antonio Carlos Peixoto, Goffredo Sênéchal, Anália de Pinbo

O. Melo – Existe algum tipo de migração de camponeses para as grandes cidades, como ocorreu no Vietnã?

Santiago – Na Colômbia, a migração camponesa começou a se intensificar anos atrás. A população da Colômbia é de cerca de 40 milhões de habitantes. Em dez anos, a população deslocada é de 2 milhões de pessoas, isto é, 5% da população.

O. Melo – Este é o mesmo percentual da população camponesa que migrou durante a Guerra do Vietnã. Pelo que pudemos notar, os norte-americanos desejam empurrar este conflito para as fronteiras com o Equador e para a Amazônia.

Santiago – Sim. Outro problema que vejo é a queda na economia colombiana. O desemprego chega à taxa de 25% da população economicamente ativa. A situação é difícil.

Medeiros – Os dados de *Veja* de 18/10/2000 são reveladores e esclarecedores no que tange à questão do desemprego no Brasil. Aqui serve de amostra para medir o desemprego cerca de 40% da população economicamente ativa. Os outros 60% estão na economia informal (trabalham sem carteira de trabalho assinada, ou seja, não entram nos cálculos para amostragem do desemprego das estatísticas oficiais). Portanto estes dados podem ser bem superiores

Santiago – Gostaria de voltar à iniciativa da sociedade civil. As Ong's e a Igreja são dois atores importantes na busca da abertura de diálogo pela paz na Colômbia. Estes atores pressionam o governo através da realização de uma série de even-

tos – debates, congressos – com objetivo de abrir espaço para a negociação.

O. Melo – O governo está dando algum incentivo para que os guerrilheiros abandonem as armas e participem do processo político nacional como um partido?

Santiago – Não, de maneira nenhuma. O processo de paz feito com o M-19 tinha um grande respaldo da sociedade civil. Os processos que foram feitos na época de Samper e Pastrana não têm o apoio e o suporte da sociedade. O que é pior para os colombianos. O Plano Colômbia se insere na brecha provocada pela falta da capacidade de diálogo do Estado colombiano com a sociedade. Os setores industriais colombianos mostram-se abertos para o diálogo, diferente dos latifundiários aliados aos paramilitares. As Ong's, a Igreja e outros atores da sociedade colombiana estão atuando de maneira positiva para o país. Muitos países europeus já começaram a questionar a validade e a legitimidade do Plano Colômbia, que é contra o processo de diálogo e conseqüentemente a paz. Os europeus não irão colocar dinheiro na operação militar armada pelos norte-americanos. O mérito das ong's e da Igreja foi ter conseguido mostrar para a comunidade internacional o que está ocorrendo na Colômbia. A União Européia pode ser um valioso aliado no processo de contestação do Plano Colômbia, pois o Estado colombiano não é capaz de resolver o problema dentro de suas fronteiras.

A. Benedito – Qual seria a coloração política predominante nas ong's? Por

que as FARC não trabalham com uma representação política?

R. Amaral – O problema dos guerrilheiros é conseguir o reconhecimento internacional.

Gustavo Goffredo – O Plano Colômbia implica gastos de cerca de um bilhão de dólares, aí vinculados compras de armas e comissões. Quantas armas não serão testadas na Colômbia? É interessante relembrar os episódios das Guerras do Golfo e da Iugoslávia. Cerca de 70% do orçamento do Plano Colômbia é destinado a gastos militares.

Medeiros – Pelo que está sendo armado, a guerra é inevitável. Quanto a negociações, parece que o Plano não prevê nenhum espaço para o diálogo.

G. Goffredo – O perigo, no que tange às ong's é repetir o que ocorreu no Haiti. De repente forma-se uma ong, que ninguém sabe de onde veio. Depois descobre-se que ela estava ligada ao governo do Haiti para negociar a paz.

Medeiros – As ong's não são neutras. A procedência deste tipo de organização é norte-americana, contexto onde associativismo e voluntariado fazem parte de uma cultura política e cívica baseada no individualismo liberal, em que o ideário dominante é o da precedência do indivíduo em relação ao Estado.

R. Amaral – Acho que a questão é esta: A quem interessa a paz na Colômbia? Acredito que a ninguém. É evidente que não interessa aos militares colombianos, que, com ela não terão mais a oportunidade de 'comissões', novos armamentos e a 'venda' de 'segurança', justificada

pela 'guerra'. E acima de tudo perderão o papel de preeminência que atualmente exercem sobre as instituições. Com a 'guerra' os militares ganham poder. Aos paramilitares, os militares sem farda que executam a parte mais suja da guerra, a paz também não interessa. Eles desapareceriam com ela. Aos partidos conservadores também não interessa, pois o 'Plano Colômbia' é a maneira de encobrir o fracasso de anos e anos de políticas elitistas. O exemplo da *débâcle* dos partidos conservadores venezuelanos é muito presente. A paz não interessa aos narcotraficantes, nem aos colombianos produtores nem aos seus distribuidores nos Estados Unidos: o conflito e a confusão, desviando a atenção para os guerrilheiros, pode ajudá-los. Não interessa à extrema-direita que vê na guerra uma forma de combater o 'comunismo'. A paz, finalmente, não interessa ao principal ator: aos Estados Unidos. A guerra é o passaporte para a intervenção. A paz só interessa ao povo colombiano. Mas este não tem nem vez nem voz.

As FARC podem ganhar força com a guerra. Estive recentemente em São Vicente (Colômbia), conversei com a direção guerrilheira, inclusive com Manuel Marulanda e os principais negociadores. Embora eles neguem, voltei com a sensação de que eles vivem o que eu chamaria de 'um ponto morto'. Não podem alcançar o poder (sabem que dificilmente o conservariam) e não podem retroceder: só lhes resta avançar no movimento guerrilheiro, num compasso que lhes dê condições de enxergar mudanças favoráveis

no quadro da geopolítica mundial e regional. As FARC não são um simples movimento guerrilheiro: sua logística é de um grande exército: hierarquia; fardas; alimentação; armamentos; e comando centralizado. Estima-se que o número de integrantes das FARC gire em torno de 30 mil pessoas armadas. Os custo de manutenção e operação é altíssimo! Em São Vicente a administração é paralela: Estado e FARC.

O. Melo – Eu compreendo que os países europeus se abstenham de uma participação na questão colombiana, pois eles têm em mente as imagens da Guerra do Vietnã. O que sinto é que, se antes ainda poderia haver uma chance de buscar o diálogo pela paz, a intervenção norte-americana inviabiliza o processo. Os norte-americanos virão para a Colômbia para a guerra. Muitas armas serão testadas nos conflitos. O poder de manobra do governo colombiano reduziu-se, já que ele não pode dar uma participação no Congresso aos guerrilheiros, pois os norte-americanos não tolerariam isto.

A. Benedito – Cumpre que se atente para a coloração política das ong's envolvidas no processo de paz.

Santiago – É claro que existem interesses em jogo, mas de uma maneira geral, elas têm ajudado no processo de negociação. Eu gostaria de frisar que as atividades da Igreja Católica estão sendo fundamentais para o diálogo pela paz na Colômbia, muitas ong's têm auxiliado a dar projeção à necessidade de sua permanente busca. O importante, no momento, é mobilizar aliados para discutir a paz

e romper com o 'Plano Colômbia' e a supremacia norte-americana.

G. Goffredo – O meu receio, ao tratar o tema das ong's, é passarmos a acreditar que o Estado não é mais necessário.

Santiago – Não é isto que eu estava querendo dizer. O fato é que o governo colombiano não tem condições de abrir um espaço para a reconciliação nacional. Por fim, eu gostaria de dizer que o Plano Colômbia reforça a extrema direita e o narcotráfico no país.

O. Melo – Eu soube um dia desses que um dos chefes do ENL (Exército de Libertação Nacional) é um padre. A alta hierarquia da Igreja Católica deve estar apavorada. Não seria este um fato que anula a busca de um diálogo por parte da Igreja?

Santiago – De forma alguma. A Comissão de Conciliação Nacional é presidida por um Arcebispo.

O. Melo – Eu me lembro do padre Herreros que foi fundamental na rendição de Pablo Escobar. Escobar só se entregou ao padre Herreros, que era considerado um santo. No entanto, este padre não pertencia à alta hierarquia da Igreja.

Santiago – A Igreja Católica na Colômbia está muito engajada na busca pela paz. A Conferência Episcopal foi a primeira a se preocupar com a migração dos camponeses, sendo responsável pelo cadastramento e levantamento dos dados. A Igreja tem – se afastado da política oficial, em especial nos últimos seis anos.

A. C. Peixoto – Eu gostaria de abordar alguns pontos básicos: as origens da violência; o narcotráfico; e a decomposi-



R. Amaral, Emb. Ovídio A. Mello, e o economista Santiago V. Izquierdo

ção do Estado colombiano. Do meu ponto de vista, a origem de todo o mal colombiano é o engessamento político. O sistema de representação política não mudou no último século, mas a sociedade transformou-se. A política colombiana é guiada por dois grupos oligárquicos, os liberais e os conservadores, que controlam a máquina administrativa no país. O grande desconchavo de todo processo político está aí: uma sociedade que se transforma e um sistema de representação que é absolutamente oligárquico. O distanciamento entre as instituições políticas e a sociedade é um grave problema colombiano e é a chave para compreender a opção pelo ‘Plano Colômbia’. As origens da violência estão nas dificuldades que liberais e conservadores têm para se entenderem. Eles só se entendem quando lhes convém. Não há na história da América Latina um país que tenha um passado tão sangrento como o da Colômbia. Nem o México! Os grupos oligárquicos, além de brigarem entre si, não conseguem dialogar com a sociedade colombiana. Como pode haver paz? A historiografia registra que foram mortos 300.000 pessoas, ou melhor, foram

assassinadas, devido a conflitos, quando a Colômbia possuía cerca de 15 milhões de cidadãos. Eu chamo a atenção para o fato de que a fase mais aguda deste conflito ocorreu durante a Guerra da Coreia, entre 1950-53. A Guerra da Coreia não provocou, de maneira alguma, 300.000 mortos. O engraçado é que a Colômbia mandou uma brigada de 5.000 homens para a Guerra da Coreia. A pressão feita pelos EUA nos países latino-americanos, só surtiu efeito na Colômbia de Laureano Gomez. Como a sociedade colombiana pode se sentir representada?

A. Benedito – Este é um ponto interessante. O pacto modernizador – as elites são legitimadas no poder a partir da promessa de modernização. Pelo que se vê, o esquema falhou na Colômbia. Os liberais e os conservadores brigam por fatias do patrimônio nacional, enquanto o povo é relegado à própria sorte.

A. C. Peixoto – Concordo plenamente. Começamos com a Guerra Civil de 1948-53, em que os conservadores (comandados por Laureano Gomez) partiram para a exterminar os liberais como se estivessem na época da Inquisição. O período de 1953-57 é marcado pela ditadura de Pirillo, que toma o poder em Bogotá. O pacto conservador-liberal, de 1958-74, promove a alternância na presidência do país entre liberais e conservadores. A Colômbia muda muito pouco em termos políticos. Após 1974, com o fim do pacto, os liberais têm dominado as urnas.

O. Melo – Eu fico pensando... e se o Brasil mantivesse até hoje em vigor a po-

lítica do ‘café com leite’? O que ocorreria caso o Brasil, ao invés de plantar arroz e feijão, plantasse maconha? Seríamos um retrato da Colômbia!

A. C. Peixoto – A Colômbia não teve o seu Getúlio Vargas. Eu gostaria de tocar na questão do narcotráfico. Desde o final dos anos 70, não é possível separar o narcotráfico da história colombiana. O narcotráfico está presente de modo ostensivo no seio da sociedade colombiana e é um forte concentrador de recursos financeiros.

Medeiros – Acho interessante mencionar as questões de fronteiras sociais, isto é, onde o narcotráfico está presente na sociedade. Em recente passado esteve presente em todas as esferas do governo colombiano. Além disto, outros segmentos da sociedade colombiana estão direta ou indiretamente associados ao narcotráfico.

A. C. Peixoto – No final dos anos 70 houve um deslocamento da produção da coca da Bolívia para a Colômbia. Os consumidores dos países centrais necessitavam que os preços caíssem. Quando o dinheiro do narcotráfico ingressa nas esferas do governo colombiano, ele corrrompe ainda mais o sistema político. Este é processo de decomposição do Estado colombiano. Esta decomposição incomoda os EUA, pois a ‘bagunça’ está no quintal de casa. O ‘Plano Colômbia’ é a tentativa de substituir o Estado nacional. A Colômbia fora do Mercosul arreventa qualquer processo de integração latino-americana. O Chile já pulou fora do Mercosul. A Colômbia não tem nem con-

dições de decidir sobre o seu futuro. O Brasil não tem sensibilidade para os assuntos internacionais que de alguma forma o afetam.

O. Melo – Concordo plenamente.

A. C. Peixoto – O mundo pode desabar ao lado da nossa porta, que não estamos nem aí.

R. Amaral – Estamos diante de um quadro em que os norte-americanos já decidiram um papel para o Brasil. Nossa ignorância e omissão no processo são conscientes. Existe, por outro lado, a tentativa norte-americana de empurrar o conflito para a Amazônia. A própria imprensa brasileira está atuando neste sentido, já que divulga a presença absurda de guerrilheiros e laboratórios de refino de cocaína na região.

A. C. Peixoto – Nós, brasileiros, somos um país limítrofe da Colômbia. Hugo Chaves, da Venezuela, não goza de nenhuma confiança por parte dos EUA. O Peru está num processo institucional caótico. O Brasil tem responsabilidades, já que se calou diante da fraude armada por Fujimori. O Brasil é o único parceiro em que os EUA podem confiar para apoiar a intervenção na Colômbia. Existe, é claro, um plano de internacionalização da Amazônia brasileira. As Forças Armadas Brasileiras são a pedra no caminho. A questão fica complexa, já que os militares brasileiros encaram a região amazônica brasileira como sagrada. Em uma série de palestras na Escola Superior de Guerra (ESG), em 1998-99, eu levantei a questão da internacionalização da Amazônia brasileira. A reação foi unânime por par-

te dos militares brasileiros: “a Amazônia brasileira é inviolável”. A estratégia norte-americana insiste em relacionar a guerrilha ao narcotráfico. Até parece que o narcotráfico não está presente no corpo político colombiano. O fato é que se esquecem de falar com os consumidores de drogas norte-americanos...

R. Amaral – É interessante -ou trágico?- mencionar que menos de 1% do valor final da droga ficam com o camponês colombiano; 20% vão para o refino; 20 a 30% ficam com a comercialização; o restante é do traficante norte-americano. O *filé* do narcotráfico fica com distribuição comercialização... Segundo *Time* (27/11/00), edição para a América Latina, a produção mundial de cocaína é de 613.400 toneladas, a Colômbia responsabilizando-se por 85% desse total. O preço varia entre 10 mil e 36 mil dólares o quilo.

G. Goffredo – A “mais valia” se aplica até no narcotráfico!

Geral – Risos...

A. C. Peixoto – O narcotráfico é uma das chagas da Colômbia. Os paramilitares foram criados para dar segurança para o narcotráfico. O narcotráfico tem ligação com as guerrilhas, com paramilitares, militares e o Estado colombiano.

Medeiros – O narcotráfico não perde em hipótese alguma.

A. C. Peixoto – Acreditar que o Plano Colômbia irá acabar com o narcotráfico é uma piada. Basta deslocar a produção para outras áreas. O que é desejado é o aniquilamento das guerrilhas colombianas para se tomar posse das áreas ricas

em recursos minerais. Quanto ao narcotráfico, ele vai muito bem. Desde que a associação Hugo Banzer (Bolívia) e Stroessner (Paraguai), esses dois ‘grandes estadistas’ iniciaram o sistema de exportação do narcotráfico latino-americano em escala internacional, o tráfico vai muito bem. Os homens do narcotráfico estão livres! Algum esforço deve ser feito para mostrar essas coisas para a opinião pública latino-americana. Gostaria de acrescentar que a paz só será possível quando houver uma negociação do conflito. Não acredito que a guerrilha irá dar um futuro melhor para a Colômbia. Para mim, os guerrilheiros são assassinos e praticam o recrutamento obrigatório. Não sou um entusiasta da violência, mas também não acredito que o Estado colombiano terá condições de abrir o diálogo para a paz. Acredito que a solução poderá vir pelo apoio da União Européia e organizações da sociedade civil.

R. Amaral – Não vejo saída para a Colômbia caso não haja um entendimento com as FARC. Quando um jovem ou uma jovem ingressa nas FARC (um exército de jovens), ele ou ela resolve uma questão fundamental: sua sobrevivência. A partir daquele momento, deixa de ser um alvo dos paramilitares e passa a exercer poder. O processo guerrilheiro se encarregará do resto: ele se transforma num quadro político. Além disto, a sobrevivência da família desse jovem é garantida: segurança; alimentação e saúde. O recrutamento não é forçado.

O. Melo – Imaginemos um povoado colombiano que seja bombardeado por

helicópteros de procedência norte-americana, como no Vietnã. Um camponês, despolitizado e analfabeto, vítima dos ataques norte-americanos e dos militares colombianos tem poucas opções: ou foge para as grandes cidades, ou ingressa nas FARC. A partir deste momento, ele passa a adquirir consciência política. Tal fato ocorreu no Vietnã. Quanto à ligação das FARC com o narcotráfico, ela até existe via cobrança de impostos, mas os norte-americanos estão dando uma dimensão maior do que a realidade. Eu tenho aqui um documento que me foi enviado pelo jornal *O Farol*. Ele apresenta uma série de declarações de figuras relevantes da política internacional que são pertinentes à nossa discussão. Eu vou aproveitar para citar algumas palavras. A primeira frase é a de Margareth Thatcher: “Se os países subdesenvolvidos não conseguem pagar suas dívidas externas, que vendam suas riquezas e suas empresas”. Outra que me chamou bastante atenção foi a de Al Gore: “Ao contrário do que a maioria dos brasileiros pensa, a Amazônia não é deles, mas de todos nós”. Para finalizar, gostaria de citar François Mitterand: “O Brasil precisa aceitar uma soberania relativa sobre a Amazônia”. Este documento foi produzido por um grupo de militares brasileiros que estão na reserva, todos tenentes.

R. Amaral – Estamos diante de um novo ‘tenentismo’!

Geral – Risos...

G. Goffredo – Pelo andar da carruagem, a tendência é a internacionalização da Amazônia brasileira. As pressões são enormes e tendem a se intensificar. Gos-

taria de falar sobre a questão interna norte-americana. O Executivo está com dificuldades em dialogar com o Congresso para viabilizar o envio de tropas. Por outro lado, a indústria de armas está sorrindo. Devo lembrar que cerca de 700 milhões de dólares serão gastos com armamentos no Plano Colômbia, armamentos esses que deverão ser comprados à indústria norte-americana...

Medeiros – Na pós-modernidade, está cada vez mais difícil convencer um ocidental a morrer em uma guerra. Não é à toa que as Forças Armadas norte-americanas estão com déficit de pessoal. As Guerras do Golfo e da Iugoslávia foram marcadas pelos bombardeiros e poucos, na verdade nenhum, combates corpo a corpo.

G. Goffredo – Essa é a dificuldade para aprovar o envio de tropas. Quem quer morrer em combates com guerrilheiros colombianos? A lembrança do Vietnã ainda está viva na memória do povo norte-americano. Acredito, no entanto, que o conflito na Colômbia irá se propagar para fora de seu território, bem ao gosto dos norte-americanos. A Amazônia brasileira está em jogo.

A. Benedito – Gostaria de fazer uma observação em cima das palavras do professor Antônio Carlos Peixoto. Acredito que é muito difícil fazer um julgamento de conduta quando se está travando uma guerra. As FARC, como disse o professor Roberto Amaral, desempenham um papel importante na Colômbia. Este país, como o professor Antônio Carlos Peixoto mesmo disse, é marcado pelo engessa-

mento político. As FARC que nos pintam são uma importante, ainda que lamentável, manifestação social de repúdio à direção oligárquica colombiana. Esta direção, apesar de legitimada pelo voto, não tem capacidade de dialogar com os diversos setores da sociedade. Vejamos o que está acontecendo na África, principalmente na Somália e Libéria. Esses países abriram mão de um projeto nacional. Na Colômbia, as forças políticas que estão nas FARC têm o papel de pressionar por um projeto nacional. Por isto é que eu insisto na questão da coloração das ong's que participam do processo de paz. A solução deve envolver o diálogo entre Estado, guerrilheiros e demais segmentos por um projeto nacional.

O. Melo – Acredito que as FARC são a esquerda colombiana que não teve espaço no quadro político colombiano.

A. C. Peixoto – O que eu acho é que qualquer alternativa para o 'Plano Colômbia' deve vir do povo colombiano. A população colombiana é de cerca de 40 milhões de pessoas. Será que todos querem a guerrilha? Se a maioria quisesse, as FARC já teriam tomado o poder, assim como no Vietnã.

G. Goffredo – Na época o Vietnã foi favorecido pela Guerra Fria.

R. Amaral – A Colômbia está muito mais próxima do Pentágono do que o Vietnã. Atualmente, vivemos a "pax americana".

A. C. Peixoto – O povo colombiano quer a paz e para isto deve haver negociação e propostas concretas. Eu não ignoro o papel das guerrilhas como manifes-

tações sociais. Entretanto, não acredito que a saída do *imbroglio* colombiano será pela guerrilha. Eu sou pela negociação e o diálogo na sociedade.

O. Melo – Acabei de ler um livro que me foi recomendado pelo Castells: *Notícias de um seqüestro* do Gabriel García Marquez. Este livro é muito bom para quem estiver interessado na situação na Colômbia. A guerra está apenas anunciada.

A. C. Peixoto – Crônica de uma guerra anunciada.

O. Melo – O fato é que a intervenção norte-americana gera uma politização do povo colombiano. Quando o sujeito é bombardeado, ele tem que tomar uma posição. Eu vou querer ver a reação norte-americana quando começarem a chegar os caixões com seus soldados da Colômbia. Vai ser difícil bombardear as grandes cidades colombianas sem provocar um escândalo internacional.

Medeiros – Gostaria de abordar a transferência do conflito, isto é, o desejo norte-americano de empurrar o conflito na Colômbia para a fronteira com o Brasil. Quais os riscos para o Brasil? O Amazonas é o maior Estado da federação bra-



Emb. Ovídio A. Mello, Santiago, A. C. Peixoto, Goffredo Sénéchal, Anália de Pinho, Rodrigo Medeiros

sileira, com mais de 1,5 milhão de quilômetros quadrados. A reserva de maior biodiversidade do mundo fica na floresta amazônica, que ocupa cerca de 92% da superfície estadual. O papel da ciência, tecnologia e da biotecnologia tropical não podem ser desprezados. Tendo em vista o enorme potencial amazônico de recursos naturais, florestais, minerais, energéticos e biotecnológicos é preciso perceber que esses recursos per si não garantem a certeza de um desenvolvimento sustentável. É necessário criar condições para viabilizar redes de pesquisa e cooperação tecnocientíficas. Na Conferência do Meio Ambiente do Rio de Janeiro, de 92, um determinado número de países centrais se negou a assinar a Convenção de Biodiversidade, que assegurava aos países detentores dos referidos recursos biogenéticos a transferência de tecnologia e o direito de patente e *royalties* pelo desenvolvimento de subprodutos, princípios ativos e fármacos deles derivados. Atualmente, o Brasil propôs na Organização Mundial do Comércio (OMC) a revisão do Acordo sobre Aspectos de Direito de Propriedade Intelectual Relacionadas ao Comércio. Para termos uma idéia de como os países centrais estão jogando pesado, vamos a um exemplo. A raiz nativa da floresta amazônica (ayahuasu) usada por centenas de povos indígenas para cerimônias religiosas, foi patenteada nos EUA. Depois de contestações, a patente foi cancelada. Em princípio, o que é patenteável tem que ser novidade, dar um passo inventivo e ter

aplicação industrial. Os países periféricos estão verificando que vários escritórios de patentes dos países centrais não seguem esses parâmetros. Com as crescentes pressões externas e o advento do Plano Colômbia, corremos o risco de ver imposições e restrições à soberania brasileira na região amazônica.

Santiago – Para encerrar a minha participação, eu gostaria de falar sobre as guerrilhas. Elas existem em áreas isoladas, sem infra-estrutura. Com a degradação do conflito, nos últimos dez anos, as práticas violentas da extrema direita auxiliam a fortalecer as guerrilhas. No entanto, as guerrilhas também atacam povoados civis, assim como os paramilitares e militares. A degradação do conflito é patente, o povo não se acha representado pelos guerrilheiros. Todos os setores são alvos da violência. As guerrilhas devem tomar parte do processo de negociação, mas não como produtoras de utopia. Isto não é mais viável!

A. Benedito – A ideologia neoliberal é uma utopia.

Santiago – Certo, mas o importante é ter uma alternativa. O essencial é o diálogo: governo; igrejas; guerrilhas; sindicatos (patronais e de trabalhadores); e demais segmentos da sociedade. Não temos mais espaços para posições maniqueístas.

R. Amaral – Bom, espero que este debate possa esclarecer alguns pontos em torno do ‘Plano Colômbia’.

A. C. Peixoto – O Brasil deve se ocupar, pois de alguma forma seremos afetados pelo conflito.